

A BUSCA PELA REPRESENTATIVIDADE: A RESISTÊNCIA NEGRA NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA

Patrícia Dias da Silva¹
Beatriz Akemi Takeiti²

Resumo: Esta pesquisa tem o objetivo de compreender as vivências de pessoas negras no sistema de acesso e permanência na pós-graduação, tendo como cenário as políticas de ações afirmativas no Brasil. Para tal, realizou-se um estudo de caso único sobre o Projeto de Integração Étnico-racial, de acrônimo PIER, juntos aos integrantes desta rede. Os métodos usados neste estudo se basearam na aplicação de questionário online, Google Forms, com perguntas abertas e fechadas aos participantes. Foram selecionados 11 participantes vinculados aos programas de pós-graduação para a realização de uma entrevista grupal no formato de roda de conversa, que ocorreu de forma virtual. O PIER, é uma intervenção psicossocial que usa recursos do mundo virtual para atingir o presencial, que mapeia negros na pós-graduação, oferece letramento em questões raciais, acolhimento psicológico contra o racismo e capacitação das pessoas negras na pós-graduação. O grande dilema é se ações independentes do PIER são viáveis para contribuir com as ações afirmativas, com o aumento de inclusão tanto dos corpos negros quanto da epistemologia negra na pós-graduação e com a sensibilização das Instituições de Ensino Superior como de empresas para investirem mais na ecologia social que tem como perspectiva a inclusão racial. Os resultados encontrados apontam que a representatividade negra na pós-graduação não é expressiva, comparada com o percentual da população negra do Brasil. As políticas de inclusão poderiam ser mais incisivas e mais programas de pós-graduação poderiam adotar as cotas com recorte racial. Os negros na pós-graduação brasileira vivem um sentimento constante de não pertencimento, incapacidade, silenciamento e opressão. Espera-se que este estudo possa contribuir para aumentar o acesso, a permanência e a ascensão dos negros na pós-graduação brasileira, com o intuito de melhorar a sua inserção na sociedade e sua qualidade de vida.

Palavras-chave: psicossociologia, representatividade negra, política de ação afirmativa pós-graduação, comunidades virtuais

THE SEARCH FOR REPRESENTATIVITY: BLACK RESISTANCE IN BRAZILIAN POST-GRADUATION

Abstract: This research aims to understand the experiences of black people in the system of access and permanence in postgraduate studies, having as a backdrop the affirmative action policies in Brazil. To this end, a single case study was carried out on the Ethnic-racial Integration Project, with the acronym PIER, together with the members of this network. The methods used in this study were based on the application of an online questionnaire, Google Forms, with open and closed questions to the participants. Eleven participants linked to postgraduate programs were selected to carry out a group interview in the format of a conversation wheel, which took place virtually. PIER is a psychosocial intervention that uses resources from the virtual world

¹ Mestranda do Programa de Programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, patriciadias@rioa.com.br, Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0003-2263-2570>

² Docente do Departamento de Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina e do Programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, Correspondência: Instituto de Psicologia, UFRJ: Av. Pasteur, 250, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, CEP: 22.290-250, biatakeiti@medicina.ufrj.br, Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0003-2847-0787>

Contribuição das autoras: P. D. SILVA Foi responsável pela concepção e pelo desenho do artigo bem como pela análise do material de campo. B. A. TAKEITI foi orientadora da referida pesquisa, auxiliando em todo o processo de escrita do artigo bem como na produção e revisão do produto final.

Artigo elaborado a partir da dissertação de mestrado de Silva, P. D. intitulada “Projeto de Integração Étnico-Racial (PIER): representatividade negra, política e inclusão na pós-graduação”, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023. O presente artigo não está sendo avaliado em plataforma Preprints.

to reach the face-to-face, which maps black people in graduate school, offers literacy in racial issues, psychological care against racism and training of black people in graduate school. The great dilemma is whether independent actions by PIER are viable to contribute to affirmative actions, with the increase in the inclusion of both black bodies and black epistemology in postgraduate studies and with the awareness of Higher Education Institutions and companies to invest more in social ecology that has racial inclusion as its perspective. The results found indicate that black representation in post-graduation is not expressive, compared to the percentage of the black population in Brazil. Inclusion policies could be more incisive and more postgraduate programs could adopt racially-based quotas. Blacks in Brazilian postgraduate courses experience a constant feeling of non-belonging, incapacity, silencing and oppression. It is hoped that this study can contribute to increasing access, permanence and ascension of blacks in Brazilian postgraduate courses, with the aim of improving their insertion in society and their quality of life.

Keywords: psychosociology, black representativeness, postgraduate affirmative action policy, virtual communities

1. INTRODUÇÃO

Existe uma barreira que se atualiza, nutrida por novos mecanismos de poder, que retém a população negra brasileira e outros grupos étnico-raciais excluídos de ocuparem seus espaços, tanto no mercado de trabalho quanto na educação, se refletindo também na pós-graduação.

Segundo o IPEA (2021), de 1986 a 2019, em torno de três décadas, a desigualdade racial aumentou a desigualdade. Em relação à renda, se destacou o aumento de pessoas negras na população, entre a mais pobre, caracterizando uma desigualdade racial elevada e intacta.

O desenvolvimento da diversidade é limitado a um controle, conectado com o racismo e ao mérito da branquitude, mesmo com a política de inclusão nas universidades e projetos independentes que buscam a representatividade no corpo discente, docente e na bibliografia acadêmica.

Nesse cenário, todavia, deve ser ressaltado que qualquer tentativa de compreensão das correlações entre raça ou cor e outros atributos de estudantes de pós-graduação ou características de seus cursos mostra-se frágil, haja vista que a elevada subnotificação compromete o alcance da análise (MELLO, 2021, p.104)

As ações de inclusão racial são atravessadas pelo racismo e se readapta a cada dia. O silenciamento e a extinção dos corpos negros, como o maior grupo étnico-racial excluído na sociedade brasileira, se reflete em várias esferas da vida social, inclusive na pós-graduação, mesmo com as políticas de ações afirmativas, as chamadas política da cota racial. A hegemonia branca e a reprodução institucional do seu privilégio criam mecanismos que servem como barreiras ao desenvolvimento da inclusão racial no Brasil.

Surgem novas iniciativas nas universidades e projetos independentes que se tornam cada vez maiores, com apoio da tecnologia, que visam a ascensão e o fortalecimento da representatividade dos negros e dos grupos étnico-raciais excluídos. As mídias e redes sociais tornam-se um espaço de acolhimento e empoderamento sobre as questões raciais e antirracistas na pós-graduação em um movimento antagônico ao mito da democracia racial e da hegemonia branca.

Ao reconhecermos que as políticas de ação afirmativa contribuem para a ampliação do número de pessoas que compartilham a identidade negra, estamos frente a um fenômeno que contraria as bases de nossa nacionalidade, que historicamente — em nome do mito da democracia racial — esteve calcada em políticas oficiais avessas a qualquer tipo de racialização (BERNARDINO, 2002, p.263).

O grande desafio desta pesquisa é descobrir que projeto pode contribuir com a inclusão racial na pós-graduação, mediante os obstáculos impostos pela branquitude para assegurar suas posições de privilégio, julgando as políticas inclusivas como discriminatória ou assistencialista. Esse fenômeno se assemelha ao que Cida Bento, psicóloga, diretora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade nomeou como Pacto Narcísico do Racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Esta autora aponta que, “nos raros casos em que um negro conquistava a mobilidade real na empresa, seus colegas brancos se sentiam

incomodados e mais intensa e visível se tornava a discriminação” (BENTO, 2002, p.19). A isso ela atribui a relação entre poder e branquitude.

Os diferentes posicionamentos das pessoas dos grupos étnico-raciais excluídos acabam assumindo a máscara da branquitude e impactam na forma de reivindicação enfraquecendo o discurso. Para Fanon (2008), “compreendemos agora por que o negro não pode se satisfazer no seu isolamento. Só existe uma porta de saída que dá no mundo branco” (p.60).

Levantamentos bibliográficos de artigos sobre a política de inclusão racial adotadas na pós-graduação e de iniciativas independentes, como pelo estudo de caso do Projeto de Integração Étnico-racial (PIER), fazem parte deste estudo que visa entender como as políticas de ações afirmativas no Brasil possibilitam que pessoas negras acessem e permaneçam na pós-graduação e, assim, desenvolvam mecanismos para prover maior representatividade entre os grupos étnico-raciais excluídos.

Tem-se que a alienação da imagem negra pelos povos colonizadores brancos vem desde o início da humanidade, impactando na saúde, na religiosidade, na cultura da população negra.

Esse clima de alienação finalmente afetou profundamente a personalidade do negro, especialmente o Preto educado que teve a oportunidade de tornar-se consciente da opinião pública mundial sobre ele e seu povo. Muitas vezes, acontece que o intelectual Negro perde a confiança em suas próprias possibilidades e nas de sua raça (DIOP, 1974, p.31).

Du Bois (2021) remete ao racismo como o mal que permanece na realidade mundial atualmente. Para ele, o problema do século XX é a linha de cor em que classifica homens pela pele mais clara daqueles de pele mais escura, originalmente de contextos da Ásia, África e América.

Já Abadias Nascimento (2016) afirma que a discriminação racial geralmente é distorcida para o viés econômico e tratada superficialmente, não tendo relevância no Brasil. Para ele, “as feridas da discriminação racial se exibem ao mais superficial olhar sobre a realidade social do país. A ideologia oficial ostensivamente apoia a discriminação econômica (...)por motivo de raça (p.97).

Esse estudo também perpassa pelo sentimento do povo preto de anulação, exclusão e silenciamento contínuo que se reflete na pós-graduação, que tem como base a abordagem da psicóloga, Neusa Santos, sobre a vida emocional de negros e negras com o impacto do racismo e do atravessamento do padrão branco como único caminho de mobilidade social.

“Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarar o corpo e os ideais do ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (SOUZA, 2021, p.25).

Desta forma, o Projeto de Integração Étnico-Racial, de acrônimo PIER, se torna como uma nova forma de reterritorialização, resistência, ativismo e suporte em busca do

avanço da representatividade negra, indígena e asiática na pós-graduação. O PIER nasce de um trabalho de conclusão de curso em 2003, como um projeto de inclusão e permanência para pessoas negras na graduação, com interface da universidade e de empresas que quisessem apoiar, através de um estágio remunerado. Embora a proposta fosse ousada e de suma importância social, havia resistências institucionais que inviabilizavam este recorte racial. O PIER, atualmente, conecta pós-graduandos e pós-graduados de universidades de diferentes estados no Brasil, se estendendo a alguns participantes do exterior pela internet.

Pela internet, o PIER usa das redes sociais, uma vez que a sua voz é silenciada nas instituições, tendo a similaridade de um espaço de liberdade ao conceito de TAZ, Zona Autônoma Temporária de Hakim Bey. Segundo Bey (2001):

“podemos conceber esta estratégia como uma tentativa de arquitetar a construção de uma net alternativa e autônoma, "livre" e não parasítica, que servirá como a base de uma "nova sociedade emergindo do invólucro da antiga"(p.38).

Assim, o PIER, investe na luta antirracista que se perpetua na nossa sociedade através de um racismo estrutural, institucional e sistêmico.

Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas (ALMEIDA, 2020, p.34).

O movimento de ação afirmativa e a política de cota é movida de questionamento e encontra opositores desde o seu início, embora seja de importância para a sociedade brasileira.

As cotas, segundo Martins (2018), constituem e se afirmam na diferença de sujeitos singulares, a fim de pensar numa sociedade mais justa e plural. Assim, esta pesquisa intenta produzir debates e afirmar posicionamentos, tentando responder de que modo as ações e políticas de inserção dos grupos étnico-raciais na pós-graduação permitem a construção de uma imagem negra, qualificada e resistente, frente ao racismo institucional.

Como estudante negra da pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social na UFRJ, percebo que a proporção de negros é menor no computo geral da Universidade. Assim a prática de contar negros desde a infância se manteve, como também a busca por uma bibliografia mais negra, ou pelo menos mais plural, que comunicasse com a minha identidade.

Na maioria dos programas de pós-graduação, mesmo com a ascensão das políticas de ação afirmativa no Brasil e das cotas nas universidades, tem uma deficiência e resistência ao recorte racial. A inclusão na pós-graduação ainda tem heranças de um passado que carrega o ranço racista e sistêmico da exclusão.

A exclusão racial retarda à estratégia de política de inclusão racial, assim ao invés de avançar na pós-graduação se espelhando na experiência de ação afirmativa da graduação, reduz a ação afirmativa à percentuais menores aos conquistados anteriormente mantendo a população negra, e outros grupos étnico-raciais excluídos, fora dos espaços acadêmicos.

...o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem (ALMEIDA, 2020, P.32).

Por outro lado, há uma falsa compreensão sobre o racismo reverso que, segundo Almeida (2020), seria uma espécie de “racismo ao contrário”, ou seja, um racismo das minorias dirigido às majorias isto é, um conceito equivocado que grupos étnicos historicamente oprimidos discriminam grupos étnicos historicamente dominantes.. Neste caso, a proposta de um Projeto de inclusão étnico-racial passou a ser vista como uma iniciativa excludente das pessoas brancas, ao invés de ser vista pela perspectiva do mapeamento destes grupos minoritários na Universidade.. Além disso, era presente a mesma distorção do olhar, atravessada pelo racismo estrutural, de algumas pessoas racializada na instituição.

Como os escravizados fugiam, através da rota de fuga, em busca de um lugar de liberdade para reunir o seu povo, mediante as opressões sofridas em um cenário pouco propício, no momento de Pandemia do COVID -19 e de enclausuramento, a internet foi a rota de fuga para a conquista de um refúgio, uma nova forma de quilombo para os pós-graduandos negros chamado PIER. Segundo Bona (2020) “o escravo se torna novamente para ele mesmo e os outros sujeitos de ações e reações. Por reativarem as memórias do corpo e da oralidade, por nutrirem uma nova espiritualidade “ritmos de resistência” (p.10).

O PIER, por utilizar do recurso de um lugar não real, mas virtual, para reunir os negros da pós-graduação, se caracterizou pela web como um quilombo virtual, o PIER virtual. O PIER tem uma característica de uma TAZ, Zona Autônoma Temporal, segundo BEY (2001, p.14), que a TAZ seja percebida como algo mais do que um ensaio (“uma tentativa”), uma sugestão, quase que uma fantasia poética, mas o PIER vai além de uma fantasia, pois é um projeto que tenta, dentro das suas singularidades no mundo virtual, ativar a autoestima, reunir pós-graduando negros de diferentes lugares, capacitar, determinar o seu espaço enquanto coletivo interdisciplinar e fazer intervenções para promover a inclusão racial, tudo em nome da representatividade negra.

“A TAZ possui uma localização temporária, mas real no tempo, e uma localização temporária, mas real no espaço. Porém, obviamente, ela também precisa ter um local dentro da web, outro tipo de local: não real, mas virtual; não imediato, mas instantâneo. A web não fornece apenas um apoio logístico à TAZ, também ajuda a criá-la. Grosso modo, poderíamos dizer que a TAZ “existe” tanto no espaço da informação quanto no “mundo real” (BEY, 2001, p.33).

A resistência do grupo é uma forma de poder que possibilita estabelecer conexões e o uso da internet impulsiona minimizando a distância e o tempo. Estar em pares favorece fazer um trabalho que transforma a si mesmo, o outro, o entorno, e o mundo. Baseado no conceito da filosofia africana Ubuntu, o PIER exprime o ideal de colaboração mútua e se desenvolve com o progresso da sua comunidade negra, sendo uma proposta de convivência social não só entre pessoas negras, mas entre os seres humanos. Desta forma o PIER funciona como um quilombo, porque agrega, compartilha, debate, rebate e resiste. Aquilombar-se é se buscar o seu espaço e foi assim que o PIER se tornou um espaço de empoderamento.

Desta forma, se apropriando das ferramentas do mundo digital para conectar pessoas de diferentes lugares, no momento de enclausuramento devido a pandemia do COVID-19, o grupo foi se movendo através das redes de WhatsApp e convidando as pessoas negras, indígenas e asiáticas a se inserirem na rede com foco na pós-graduação.

A primeira imagem da representatividade negra nos diversos cursos de pós-graduação do Brasil pode ser verificada abaixo. Aqui, mulheres, homens, negros e negras se juntaram para debater, refletir, propor e criar estratégias de acesso e permanência na Universidade.

2. DESENVOLVIMENTO

Trata-se de uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, que utilizará do estudo de caso para a sua realização. As pesquisas, de natureza qualitativa, não se preocupam em quantificar ou explicar, e sim compreender: este é o verbo da pesquisa qualitativa. Segundo MINAYO, DESLANDES e GOMES (2009), este tipo de pesquisa compreende as relações, valores, atitudes, crenças, hábitos, representações e, a partir deste conjunto de fenômenos gerados socialmente, busca analisar e interpretar a realidade.

Como em toda pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico para conhecer o “estado da arte” sobre temas como poder e discriminação racial e os estudos sobre as ações afirmativas na pós-graduação.

Optamos pelo estudo de caso a partir do Projeto de Integração Étnico-racial (PIER), um projeto que acontece em ambiente virtual como mencionando anteriormente, que nos servirá para realizar um levantamento sobre a percepção dos seus integrantes, sobre a vivência e percepção com a política de ação afirmativa na pós-graduação e a experiência psicossocial deste projeto em promover a representatividade negra através da intervenção.

“Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p.32).

Neste estudo de caso, foram realizados tanto um mapeamento através de questionário entre os participantes do PIER para levantar o perfil étnico, socioeducacional quanto, foi realizada entrevista grupal no formato de roda de conversa com alguns destes participantes.

Instrumentos de pesquisa:

O estudo de caso do PIER foi realizado a partir de: aplicação de um questionário pelo Google Forms (formulário online) para levantar informações sobre a percepção das ações afirmativas na pós-graduação, observação das redes sociais dos integrantes do PIER - WhatsApp (aplicativo multiplataforma para grupo de mensagens instantâneas, imagens e chamadas de voz para smartphones), entrevista grupal no formato de roda de conversa, com um roteiro de perguntas previamente elaborado. Para facilitar a participação

dos entrevistados, utilizou-se da plataforma ZOOM de videoconferência com compartilhamento instantâneo de vídeo, imagens e mensagens.

Procedimentos de coleta de dados:

Para a primeira parte da pesquisa, os participantes do PIER foram convidados a preencherem o questionário online, disponibilizado pelo WhatsApp. O prazo para a coleta destas informações foi de agosto a outubro de 2022. Depois desta data, o formulário foi fechado para posterior análise. Em seguida, foram selecionados 11 participantes do PIER para a realização da roda de conversa. Esta ocorreu de forma virtual, num único dia, no período da noite. A roda de conversa durou aproximadamente 1 hora e meia. A mediadora/pesquisadora se apresentou ao grupo dizendo os objetivos da pesquisa e, a partir de um roteiro de perguntas, fez o grupo conversar sobre os temas.

Participantes da pesquisa:

Para a aplicação do questionário online, todos os participantes do PIER foram convidados ao preenchimento do instrumento. Para a roda de conversa, foram selecionados integrantes do PIER que tinham, ao menos, participado de uma das ações do projeto, tais como curso de inglês ou preparatório de mestrado e doutorado como professor ou aluno, de intervenções como roda de conversa, apresentação de pesquisa e intervenção de letramento racial com contação de história.

A pesquisa tem uma contribuição indireta, pois tem o intuito, enquanto projeto independente, integrar online pessoas negras da pós-graduação, de diversas universidades do Brasil, se estendendo a grupos étnico-raciais historicamente excluídos visando apoiar as políticas de ação afirmativa, promovendo a representatividade.

Enquanto metodologia de análise dos dados, o procedimento metodológico desta pesquisa foi conduzido, *a priori*, pela análise quantitativa do questionário e pela análise de conteúdo temática, a partir da abordagem qualitativa. Nesta segunda fase, realizamos uma pré-análise do material, decompondo as falas dos sujeitos em enunciados, aquilo que o sujeito diz. Em seguida, a partir destes enunciados, passamos a elaborar alguns núcleos de significação para, posteriormente, eleger a categoria de análise. Dentro desta categoria de análise, dividimos a em subseções para facilitar a discussão.

Este projeto de dissertação está sustentado na resolução 510/2016 e foi respeitada integralmente, tendo sido aprovado com Parecer nº 5.379.638 do Comitê de ética em Psicologia – Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CEP-CFCH). Para a realização das entrevistas, os participantes foram informados e esclarecidos sobre todos os aspectos que envolvem o estudo, foi lido o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) e, somente após a leitura e esclarecimentos, assinaram o documento.

2.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Analisar as vivências e experiências de pessoas negras participantes do PIER no sistema de acesso e permanência em instituições superiores de ensino, se percebe a

relação entre o institucional, o que foi estabelecido pelas políticas públicas e o instituinte, aquilo que se dá nas dimensões locais, cotidianas. Assim, entender o perfil dos participantes do PIER e conhecer a sua realidade, a partir de suas experiências na pós-graduação, permite investigar como a representatividade negra vai se constituindo com as atuais políticas de ações afirmativas.

Perfil dos participantes do PIER - acesso e permanência na pós-graduação:

Em relação à declaração étnico-racial, os participantes foram questionados como se autodeclaravam sobre a própria raça, podendo assinalar as seguintes respostas: preto retinto, preto mais claro, indígena, branco, amarelo ou não se declararem. Das respostas obtidas, têm-se que 51% se consideram pretos retintos e 49% se autodeclararam pretos mais claros (pardos, segundo o IBGE, 2020), conforme demonstra o gráfico abaixo. O PIER, assim, se constitui, majoritariamente, de pessoas pretas (pretas retintas e pretas claras).

Com a promoção da consciência negra, validando a luta do Movimento Negro contra a discriminação racial e empoderando a negritude pode ser que pessoas pretas desta pesquisa, que eram denominadas pardas, classificação segundo o IBGE 2020, afirmem sua identidade enquanto pretas ou negras (DOMINGUES, 2007)

Em relação à faixa etária nesta amostragem, 22% tinham entre 25 e 35 anos, 43% entre 26 e 45 anos, 23% de 46 a 55 anos e 12% de 56 a 65 anos. Assim, a maioria dos participantes eram próximos da meia idade. Neste grupo de pesquisa podemos perceber que as pessoas negras chegam mais tarde na pós-graduação.

Quando os participantes do PIER foram perguntados sobre o nível mais alto cursado na pós-graduação, obtivemos as seguintes respostas: 29,4% eram mestrandos, 23,5% com pós-doutorado concluído, 19,6 % pós-graduados Lato Sensu, 11,8% com mestrado e 7,8% com doutorado concluídos. Percebemos que quanto maior é o nível de formação na pós-graduação, menor é a quantidade de pessoas negra nos anos iniciais da pós-graduação como especializações e mestrados, se percebe um aumento significativo de estudantes negros e negras na Universidade. O gráfico abaixo ilustra tal discussão.

Quanto à situação profissional dos participantes da entrevista, a maioria, ou seja, 29%, eram professores públicos, 21% profissionais contratados com carteira de trabalho (CLT), 17 % eram discentes de pós-graduação e 10% servidores em outras áreas. Nessa mostra percebemos que o perfil dos negros na pós-graduação na maioria tem vínculo empregatício, seja por Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), ou como servidor, ou como professor de rede pública, somando 73%, o que pode caracterizar um perfil de pessoa na graduação com estabilidade financeira. É interessante observar que não havia nesta amostra de pesquisa pessoas desempregadas, o que pode caracterizar a desistência de desempregados na pós-graduação.

Quanto ao ingresso na pós-graduação pelas políticas de ações afirmativas, 62,7% dos participantes declararam que ingressaram pelas cotas e 37,3%, entraram na pós por livre concorrência. Segundo esses dados, analisamos que a maioria das pessoas negras são oriundas de política de ação afirmativa, mas que um percentual considerável não vem por este viés. O gráfico acima ilustra esta distribuição compactuando com os dados

apresentados por Venturini (2020), que mostra a contribuição da ação afirmativa, para o aumento de pessoas negras nas Instituições de Ensino Superior, mas que esta política inclusiva ainda não é expressiva na pós-graduação, devido a autonomia dos programas no critério de seleção, que é suportado pela Portaria Normativa MEC nº13/2016, que trata das ações afirmativas (COTAS) na Pós-Graduação. Desta maneira alguns programas não adotam a Lei da cota ou existe uma variação nos percentuais dos programas que não contribui incisivamente para a inclusão racial.

Foi observado que a maioria dos participantes da entrevista 62,7 % ingressaram por ações afirmativas e 37,3% por livre concorrência, o que pode caracterizar que as ações afirmativas aumentaram o ingresso de pessoas negras.

Os percentuais das respostas revelam que 82% dos entrevistados negros dizem que há necessidade sim das bancas de heteroidentificação contra 28% que acreditam não serem necessários tais mecanismos que comprovem os candidatos serem negros ou não.

Quanto à pergunta sobre se o percentual de cotas estabelecido na pós-graduação na sua universidade contribui igualmente para uma universidade mais plural, os percentuais foram 39,2% muito pouco, 31,4% sim, 15,7% não e 13,7% não existia lei de cota na sua pós-graduação.

Somando os percentuais das respostas que 13,7% não possuem cota na universidade, com 15,7% que a Cota não contribui com a pós-graduação, com 39,2% que a Cota contribui pouco soma um percentual de 68,6%, que pode caracterizar que a cota na percepção da maioria dos entrevistados não contribui totalitariamente para uma universidade mais plural.

Quanto à origem da pós-graduação dos participantes do questionário, 74,5% comunicam que são de universidade pública e 25,5% são oriundos de universidade privada. Que pode caracterizar a ação afirmativa mais comum em programas de pós-graduação em universidades públicas.

Sabendo que a população negra constitui 56,2% da população brasileira, segundo IBGE 2020, foi observado segundo ao gráfico que 49% dos participantes têm menos de 10% de professores negros na pós-graduação, 33,3 % não tem professores negros, 7,8 % não em torno de 10% de professores negros na sua pós-graduação, 5,9% afirmam que tem 20% de professores negros, e 2% tem em torno de 30% e 40% por cento de professores negros. Apresentando através dos percentuais dos entrevistados que a quantidade de professores negros ainda é mínima nos programas de pós-graduação.

Entre os participantes do questionário 51% acreditam que existem 10% de discentes negros na sua pós-graduação, 23,5% acreditam ter 20% de discentes negros e 13,7% acreditam ter 30%. Assim os percentuais podem caracterizar que os negros são minorias na pós-graduação.

Sobre a bibliografia na pós-graduação que aborde o tema sobre a negritude o resultado apontou que em 52,9% de respostas afirmam que só tem 10% deste tipo de bibliografia e 19,6% não tem bibliografia sobre a negritude. Na análise a estas respostas notamos que a epistemologia negra ainda é muito escassa na pós-graduação dos entrevistados.

A pergunta sobre se a representatividade de grupos étnico-raciais na pós-graduação (discente, docente e epistemologias) tem a chance de contribuir com uma universidade mais plural, apresentou que a grande maioria dos participantes 90,2% responderam que sim e 9,8 respondem que talvez, revelando que para a maioria dos entrevistados a representatividade contribui para uma universidade mais plural.

Podemos notar que a maioria dos entrevistados acreditam que com mais negros e pessoas de grupos étnico-raciais na pós-graduação (discente, docente e epistemologia) pode aumentar as chances da inserção no mercado de trabalho para esses grupos. Constatamos essa hipótese neste grupo de entrevistados quando 64,7% disseram que sim, 29,4 % disseram que talvez e 5,9% disseram que não.

A resistência negra quebra a perspectiva dos lugares determinados rompendo com o discurso do colonizador. As pessoas negras devem assumir todos os espaços enfraquecidos pelo apartheid espacial e estruturado na sociedade culturalmente, no mercado de trabalho, no lazer, na moradia, na saúde e na educação, por isso as pessoas negras devem resistir nos espaços que são destituídos como na pós-graduação. A conquista negra vista quando existe a aparição dos corpos negros em um determinado espaço e a sua capacitação vai revelando a sua intelectualidade e inteligência, assim como a sua união aumenta, aumenta também a representação.

2.2. AQUILOMBANDO A/NA PÓS-GRADUAÇÃO: A RODA DE CONVERSA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA E DE RESISTÊNCIA POLÍTICA:

A roda de conversa se constitui como uma entrevista proposta em detrimento da realização de entrevistas individuais, uma vez que ela pode ser um disparador coletivo/grupal para que, de forma compartilhada e colaborativa, os participantes possam se integrar numa conversa ou narrativa sobre determinado tema/assunto.

Para a sua realização, foram convidados 11 integrantes do PIER vinculados aos Programas de Pós-Graduação Stricto sensu e Lato sensu. de diversas Instituições de Ensino Superior (IES)

A maioria dos participantes da roda de conversa participam em diferentes formas de intervenções do PIER. Alguns são oriundos do preparatório para mestrado e doutorado, outros do curso de inglês, para o teste de proficiência, outros participam ações de letramento racial, de grupo de acolhimento racial, de roda de conversa ou do grupo de apresentação de pesquisa. A entrevista ocorreu de forma remota, em num único dia, agendado previamente com os participantes.

Na amostra dos entrevistados na roda de conversa, a grande maioria fez graduação em universidade pública. O grupo é heterogêneo constituído de 45% de homens e 55 % de mulheres, 27% de pretos retintos e 73% pretos claros.

Dos participantes, 91% são das áreas humanas e 9% são da área exata. A faixa etária varia entre 26 e 52 anos, com a maioria entre 40 e 50 anos. Os dados demonstram

que as pessoas negras do grupo cursam a pós-graduação na meia idade, por entrarem na graduação tardiamente ou esperarem por uma estabilidade. Isto se reafirma no grupo expandido do Projeto, em que esta situação se reproduz em muitas outras experiências. Entre os integrantes da roda de conversa, a maioria tem um emprego fixo, concursado em serviço público com o cargo de professor.

Durante a conversa, algumas falas foram extraídas de modo que pudéssemos analisar como os participantes sustentam a própria permanência na pós-graduação. Dentre as falas, temos: algumas pessoas negras não veem o embranquecimento na academia, apesar de sentirem a exclusão territorial. O racismo estrutural, institucional e sistêmico pode gerar uma distorção na percepção e na identidade destas pessoas. Por isso, não raro, identificamos pessoas negras, de pele mais clara nas Universidades que não se autodeclaram negras, talvez pelas situações vivenciadas de racismo, talvez pelo apagamento histórico deste povo, negado a muitos espaços privilegiados.

Segundo constatamos através de Venturini (2020), as ações afirmativas abriram caminhos para as pessoas negras alcançarem a universidade e a pós-graduação através das normas. Porém, diferente da graduação, cada programa de pós-graduação tem autonomia para aplicar a lei da cota, conforme a Portaria nº13, de 11 de maio de 2016. Desta forma, os percentuais de cotas raciais praticados na pós-graduação são diferentes e menores do que o praticado na graduação, regulando a presença dos corpos negros e inviabilizando a sua representatividade de forma plena.

Alguns dos nossos interlocutores afirmam que é a partir da educação básica, nos processos formativos que será possível “fazer a mudança”, tanto em realidades historicamente excluídas quanto diminuir os abismos sociais.

Compreendemos, a partir das narrativas dos participantes, que as pessoas racializadas e que possuem a pele preta serão sempre atravessadas por outros marcadores identitários que vão potencializando sucessivos processos de exclusão. Segundo Crenshaw (1991), através da teoria da interseccionalidade, afirma que quanto mais marcadores identitários, maior é a exclusão, desta maneira a população negra se mantém à margem da sociedade devido a racialização.

Podemos então perceber que as pessoas negras estão no perfil das pessoas mais excluídas da sociedade e, conseqüentemente, da educação, prioritariamente àquelas que envolvem a formação pós-graduada stricto sensu.

A consciência do seu direito e a representatividade na pós-graduação podem gerar mudanças que vêm de fora do lugar de privilégio, mas que para ser efetiva, ela tem de estar nestes espaços, destituindo o lugar de privilégio de um determinado grupo e tornando-o acessível para todos.

A Universidade foi criada para pessoas humanas, a validação da existência humana também impulsiona as pessoas negras a estarem neste lugar.

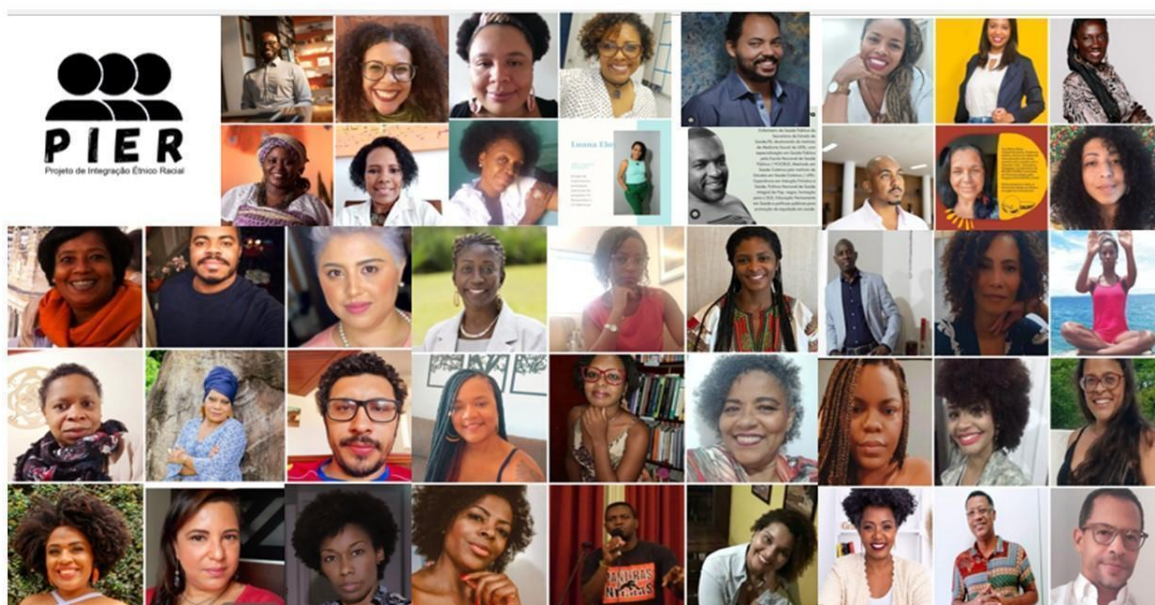
Data que a primeira universidade foi criada em Timbuktu (África), e vemos que as pessoas negras ainda resistem a retomar aquilo que lhe foi tirado. Entre os/as entrevistados/as, evidenciou-se que a pós-graduação pode dar a chance de pessoas negras ascenderem intelectual e financeiramente desconstruindo o lugar determinado para eles pelo racismo estrutural.

Ser destituído dos seus direitos humanos impacta na autoestima para a ascensão, mesmo que haja o desejo de melhorar a formação acadêmica, os desafios e obstáculos são enormes para se chegar até a pós-graduação, devido à falta de condição financeira, oportunidade e por causa do preconceito. Chegar até a pós-graduação e pular as barreiras criadas pelo racismo é uma forma de resistência à hegemonia branca. A geografia do lugar é uma construção sociopolítica naturalizada por mecanismos de poder desde a escravização que se atualiza até os dias de hoje.

A capacitação gera capital social e conquista de novos espaços, porém não impede de sofrer racismo, podendo ser maior por estar fora do lugar designado pela branquitude, aumentando a disputa, em um lugar não disputado anteriormente, por isso a necessidade do aquilombamento.

2.2 ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Figura 1 – Imagem do Portifólio da representatividade do PIER no Instagram @piervirtual



Fonte: Patricia Dias da Silva, 2021.

3. CONCLUSÃO

Iniciativas como o PIER, deveriam ser absorvidas pelos programas de pós-graduação como um movimento político, apartidário, transdisciplinar, podendo se unir a um movimento mais antigo, antirracista e de inclusão, dando amparo às pessoas negras em prol da igualdade racial.

Este estudo abre possibilidades para se operacionalizar, aprimorar e avançar nas políticas de ações afirmativas com projetos que dialoguem diretamente com as pessoas cujas identidades são aquelas oriundas das políticas, uma vez que estas só poderão se concretizar através de um debate amplo e profundo na reconstrução processos históricos reparadores, como as cotas.

O racismo é um fenômeno que atravessa a vida de uma pessoa negra desde o seu nascimento até a sua morte. A Psicossociologia é uma ciência crítica fundamental para investigar fenômenos sociais que impactam na subjetividade do indivíduo e através da investigação com ação participativa se torna uma ferramenta poderosa de intervenção. Esta pesquisa nos mostra o impacto do racismo no pós-graduação, gerando a invisibilidade dos corpos negros e o seu sofrimento com o intuito de resgatar os seus direitos na educação. A integração de autores raciais na pós-graduação para fazer gestão da sua realidade lhe dá força e a voz para combater segregação racial e defender o seu espaço, pela ótica de quem vive esta experiência buscando a sua condição de humanidade.

Esta pesquisa visa levantar pelos aspecto psicossociológicos, a vivência das pessoas nos processos de acesso e permanência na pós-graduação, articulando categorias macro, relacionadas as políticas, e categorias micro, sobre as vivências das pessoas no projeto PIER, tentando encontrar as categorias de análise sobre estas vivências que fogem ou se misturam com as políticas públicas, oferecendo mecanismos para um “aquilobamento” das pessoas oriundas das ações afirmativas.

O PIER, enquanto uma proposta de intervenção psicossocial, promoveu, promove e continua a promover a representatividade na pós-graduação através de um movimento de cooperação e a união que resgata a autoestima e a identidade racial, valorizando a diversidade, com base no conceito de cooperação em comunidade.

Ubuntu! Oxalá!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural** -- São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)
- BENTO, Maria A. Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- BERNARDINO, Joaze. **Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil**. Rio de Janeiro: Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, nº 2, 2002.
- BEY, Hakim. **TAZ: Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.
- BONA Dénètem Touam. **Cosmopoética do refúgio** .1 ed.São Paulo. Cultura e Barbárie 2020.
- CRENSHAW, Kimberlé Williams. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color**. Stanford Law Review 43(6), 1991, p. 1241–99.
- DIOP, Cheikh Anta. **The African Origin of Civilization: Mith or Reality?** Westport: Lawrence Hill, 1974.
- DOMINGUES, P. (2007). **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo, 12(Tempo, 2007 12(23)). <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>
- DU BOIS, W.E.B. **As almas do povo negro**. Tradução de Alexandre Boide. ilustração de Luciano Feijão. Prefácio de Sílvio luiz de Almeida - São Paulo: VENETA.2021.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- IBGE - **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2021** / Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2021. 206 p.: il. - (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, ISSN1516-3296; n.44). Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101892> > Acesso em 20 de março de 2022.
- IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **A Desigualdade Racial no Brasil nas três últimas décadas**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.38116/td2657> > acesso em 15 janeiro de 2022.
- MARTINS, Zilda. **Cotas Raciais e o Discurso da mídia: um estudo sobre a construção do discenso**. 1ed.Curitiba: Appris, 2018
- MELLO, Luiz. **Ações afirmativas para pessoas negras na pós-graduação: ausências, propostas e disputa**. 2021< <https://doi.org/10.32887/issn.2527-2551v18n1p.94-126>> acesso em 28 de janeiro de 2022
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu Cruz. Petrópolis; **Pesquisa social:Teoria método e criatividade**. Vozes; 28. ed; 2009. 108 p.
- NASCIMENTO, Abadias. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**.3 ed. São Paulo: Perspectivas 2016.
- SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar .2021
- VENTURINI, Anna Carolina. **A Difusão de modelos de ação afirmativa entre programas de pós-graduação no Brasil**. 44º Encontro Anual da ANPOCS- GT33 - Políticas Públicas.2020.

VENTURINI, Anna Carolina. JUNIOR, João Freire. **Política de ação afirmativa na pós-graduação: o caso das universidades públicas**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053147491>> acesso em 01 de janeiro de 2022

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.